



Universidade Federal da Bahia

Complexo Hospitalar Universitário Prof. Edgard Santos

Serviço de Gastro-Hepatologia

Rua Augusto Viana S/nº, 6º andar – Bairro Canela.

CEP: 40110-060 Salvador – Bahia, Brasil. Tel.: / Fax: (71) 3237-1311.

Tel.: (71) 3283-8395

E-mail: rparana@ufba.br

Salvador, 12 de julho de 2018.

A Sociedade Brasileira de Hepatologia

A toda a Sociedade Brasileira

Recentemente, grande debate ocorreu acerca da reportagem do programa Fantástico da Rede Globo que abordou, de forma Jornalística e informativa, o problema da Ozonioterapia no Brasil. Como não poderia deixar de ser, esta importantíssima matéria acaba por abordar também outras propostas terapêuticas sem avaliação científica adequada, mas que se escondem em rótulos ilegais de novas especialidades médicas.

Eu considero que o debate acerca da Ozonioterapia, como de qualquer outra proposta terapêutica, **alopática ou não alopática**, não deva ser baseado no simplismo do *a favor x contra*. Isso não existe em medicina, pois, em medicina, o debate precisa ser científico, portanto ele deve ser baseado naquilo que é comprovadamente definido através de estudos científicos muito bem adequados do ponto de vista metodológico.

A isso chamamos de **Medicina baseada em evidência científica**. A “cientifização” da medicina veio justamente para retirar o subjetivismo das propostas terapêuticas meramente intuitivas que muito mal fez aos pacientes no passado. Veio também para coibir abusos, tais como gastos com medicamentos ou propostas terapêuticas sem eficácia comprovada.

Assim, a medicina **não pode ser baseada meramente na intuição**, sobretudo quando falamos de propostas terapêuticas onerosas, e, mais ainda, de doenças potencialmente graves. A metodologia científica aplicada a qualquer proposta deve ser adequada para responder a pergunta acerca da sua **eficácia e segurança**. Isso significa avaliar potenciais maléficis e benefícios em curto, médio e longo prazo. Também definir a melhor dose terapêutica, suas potenciais interações com medicamentos e com outras práticas, etc. Nada disso é mágico. Necessitamos de estudos bem conduzidos e que tenham avaliação crítica de profissionais externos que sejam isentos de conflitos de interesse.

Se não tivermos uma metodologia científica adequada para isso, não haverá uma avaliação consequente. Assim, a avaliação abordada cientificamente, ao tempo em que retira este lado subjetivo e apaixonado do “*a favor*” ou “*do contra*”, reforça as evidências científicas acerca da pertinência do tratamento, dos seus **Riscos x benefícios** e dos seus **custos x benefício**. Permite ainda avaliar a sua eficiência.

Quando falamos da Ozonioterapia, estamos falando, única e exclusivamente, da nossa área, pois não conhecemos a avaliação científica desta propostas terapêuticas em outras áreas que não seja a Hepatologia (doenças do fígado). Nas doenças do fígado podemos



Universidade Federal da Bahia

Complexo Hospitalar Universitário Prof. Edgard Santos

Serviço de Gastro-Hepatologia

Rua Augusto Viana S/nº, 6º andar – Bairro Canela.

CEP: 40110-060 Salvador – Bahia, Brasil. Tel.: / Fax: (71) 3237-1311.

Tel.: (71) 3283-8395

E-mail: rparana@ufba.br

afirmar que não tem nenhum espaço para o uso desta proposta terapêutica **até o momento**, como também não é possível, **neste momento**, compreender a sua justificativa fisiológica e a sua ação nos mecanismos fisiopatológicos das doenças do fígado. Dizemos isso baseados na literatura médica acerca deste tema que é pobre em estudos de Fase III, Duplo-Cegos, que são aqueles que permitem definir eficácia e segurança de qualquer tratamento.

O que mais nos preocupa é que métodos que são ainda experimentais (em fase de avaliação) possam ser utilizados e cobrados dos pacientes. Pior ainda é que os pacientes sejam enganados com afirmações como aquelas que nós vimos, na recente reportagem, em que se falava na Ozonioterapia para curar Cancer, Hepatite C e HIV. Isso coloca em risco a vida do paciente, portanto ultrapassa a barreira ética para entrar na barreira penal.

O profissional de saúde precisa se responsabilizar pelo que faz e pelo que diz, sobretudo quando esconde do paciente as informações preciosas para que o paciente seja instrumentalizado no sentido de tomar as suas decisões com juízo crítico.

Por isso, sempre digo aos meus alunos. **Medicina não é seita** e não pode ser visto como uma religião. Na religião existe a fé, expressão máxima da irracionalidade, mas ao mesmo tempo expressão máxima do belo universo abstrato do ser humano. Na fé, nós apenas sentimos, **não precisamos explicar nada acerca dos nossos sentimentos**, pois seguimos a nossa mais pura intuição. Já na medicina, temos a ciência que norteia as nossas condutas, portanto não podemos passar as **nossas crenças desprovidas de fundamentação científica para os nossos pacientes**.

Por isso, também, sempre digo aos meus pacientes que **não existe medicina alternativa**. Essa estória de *Medicina Alternativa* é um nicho de mercado lucrativo para acomodar *neoespecialidades* que não são sequer reconhecidas pelo Conselho Federal de Medicina por que não possuem programas críveis de treinamento, tais como Residência Médica e Pós-graduação reconhecida pela CAPES e pela AMB. São vários cursinhos de internet que levam profissionais a mudarem rapidamente de especialidades como, por exemplo, acontece com Cirurgiões, Oftalmologistas, Ortopedistas, Urologistas e clínicos que se transmutam em especialistas dessas novas especialidades se fazendo utilizar de diplomas que não possuem valor legal.

O Conselho Federal de Medicina tem a obrigação de regulamentar a boa prática médica e a boa prática médica é baseada na ciência. A ela não existe alternativa, a não ser gerada pela própria ciência. **Ninguém voaria num avião que fizesse cálculos alternativos de física. Ele cairia**. Com a ciência médica é exatamente igual.

É revoltante ver os numerosos pacientes que são inebriados pelo canto da sereia e adentram nessas práticas. Daí, gastam muito dinheiro. Por isso essas práticas costumam ser extremamente lucrativas para quem prescreve, para quem vende ou aplica os produtos, mas muito onerosa financeiramente e mesmo para a saúde de quem se submete a elas.

Os pacientes correm riscos de adoecimento pelo uso inadequado de substâncias ou pioram a sua doença pela evolução da história natural das mesmas sem a possibilidade de acesso ao tratamento. Na nossa prática clínica, no dia-a-dia, há revolta dos médicos



Universidade Federal da Bahia

Complexo Hospitalar Universitário Prof. Edgard Santos

Serviço de Gastro-Hepatologia

Rua Augusto Viana S/nº, 6º andar – Bairro Canela.

CEP: 40110-060 Salvador – Bahia, Brasil. Tel.: / Fax: (71) 3237-1311.

Tel.: (71) 3283-8395

E-mail: rparana@ufba.br

honestos que buscam fazer uma medicina humanizada e adequada para **riscos x benefícios e custos x efetividade**, quando se deparam com pacientes que foram enganados por práticas desonestas.

A retórica imbecil acerca da indústria médica corrompendo médicos é algo perversamente generalizador e muito pouco inteligente. Ninguém pode negar que a pressão da indústria Farmacêutica, com todos os seus recursos para a força de vendas, possa seduzir profissionais com **má formação técnica e/ou moral**. É obvio que sim e é obvio que acontece. Mas a força do dinheiro também pode persuadir profissionais com essas deficiências para que adentrem nessas práticas nada científicas, **pois elas são muito lucrativas**, movimentam bilhões no subterfúgio da ciência, sem qualquer aspecto regulatório e sem que os seus recursos retornem para comprovar a sua eficácia e a segurança, através de estudos verdadeiramente científicos. Essas práticas não tem interesse na submissão às avaliações científicas através de estudos de fase III. Por que será? A resposta parece obvia.

Portanto, a arma para impedir ou minimizar o risco dos médicos serem cooptados pelo **poder da indústria farmacêutica ou que sejam seduzidos pelo ganho fácil dessas novas práticas não científicas** é a sólida formação profissional e acadêmica.

Infelizmente o Brasil não tem feito este trabalho. Aliás, cada vez mais, o ensino médico no País tem sofrido degradações com uma quantidade absurda de escolas médicas, capacitação insuficiente dos professores, currículos inadequados e campos de práticas depauperados. É o avesso do avesso!!!

Quanto mais profissionais de saúde mal formados tivermos no País, maior é o risco da sedução pela indústria farmacêutica ou por essas novas especialidades desprovidas de compromisso científico e humanístico.

Raymundo Paraná

Professor Titular de Gastro-Hepatologia da Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia

Coordenador do Núcleo de Hepatologia do Hospital Universitário da UFBA (HUPES)

Ex- Presidente da Sociedade Brasileira de Hepatologia (2009-2011)

Presidente Eleito as Associação Latino Americana para o estudo do Fígado (ALEH)